



CATÓLICA  
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

*Leftover Memories*

Relatório de Projeto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa

Para obtenção do grau de Mestre em Fotografia

Ana Beatriz Martins da Costa, Porto, Janeiro de 2025

*Leftover Memories*

Trabalho realizado sob orientação de Carlos Lobo

2025



## *Agradecimentos*

À minha irmã pelo apoio constante e pela disponibilidade para tudo, mesmo estando longe.

À minha mãe que, apesar de não perceber muito da área, sempre ofereceu motivação e apoio para continuar e concluir os estudos.

Aos meus amigos, que apesar de tudo e depois de muitos anos continuam ao meu lado e são das maiores fontes de inspiração que tenho e que sempre terei. O vosso apoio, amor e conselhos fizeram-me chegar aqui.

Por último, o maior agradecimento vai para os meus avós. Sem eles a minha carreira académica nunca teria seguido em frente, e sem eles eu não estaria aqui. Este projeto foi feito por eles e para eles, e apesar de também não compreenderem muito bem a minha área, sempre foram o meu maior apoio e sempre mostraram interesse no que faço.



## **Resumo**

Este relatório foi criado com base no desejo de compreender o conceito de memória e como as memórias são capazes de ser transmitidas entre pessoas. Além disso, é também importante explorar como as memórias são criadas e como a fotografia ajuda na criação e armazenamento das mesmas. Esta reflexão deriva do projeto fotográfico chamado *Leftover Memories*, feito em contexto de projeto final do Mestrado em Fotografia da Escola das Artes.

O projeto em si é uma homenagem aos meus avós e às cidades onde nasceram, expondo uma modernização de locais com valor sentimental e como isso se relaciona com o conceito de nostalgia.

**Keywords:** memória; nostalgia; família; albums de fotografias, arquivo, retratos.

## **Abstract**

This report was conceived from the desire to understand the concept of memory and how memories are able to be transmitted between people. Not only that, but it is also important to explore how memories are created and how photography aids in creating and keeping them. This thought process stems from the photographic project titled *Leftover Memories*, made in the context of the final project of the Photography Master's Degree from Escola das Artes.

The project itself is an homage to my grandparents and to the towns they were born in, showing a modernisation of sentimental locations while also explaining the concept of nostalgia.

**Keywords:** memory; nostalgia; family; photo albums; archive; portraits.

# Índice

• <b>Abstract</b>	6
• <b>Contexto Histórico</b>	
- Origem dos álbuns de fotografia familiar	8
- A fotografia e a memória	11
- Nostalgia	13
• <b>Contexto Artístico</b>	15
- Motivação e objetivo do Projeto	15
- Avô Domingos e Avó Lina	16
- Execução do Projeto	17
• <b>Localidades Fotografadas</b>	19
- Carreira	
• <i>Armazéns</i>	19
• <i>Casa de Família</i>	20
• <i>Casa da Irmã</i>	20
• <i>Cemitério</i>	21
- Mões	
• <i>Casa de infância</i>	21
• <i>Quinta de Cerdeiró</i>	22
• <b>Cronograma</b>	23
• <b>Exibição do Projeto no Panorama 2024</b>	23
• <b>Conclusão e Reflexão Crítica</b>	24
• <b>Imagens do Projeto Final</b>	26
• <b>Bibliografia</b>	58

## Contexto Histórico

Qual é, pois, a função da fotografia? Multiforme e sempre indefinível em última análise. Ser emoldurada, colada em álbuns, metida num porta-moedas, olhada, amada, destruída? Tudo isto, sem dúvida... Ela começa na presença moral: vai até à devoção e à presença espírita. Entre estes dois pólos, a fotografia é amuleto, fetiche. Fetiche, portanto, recordação, presença muda, a fotografia substitui-se ou faz concorrência às relíquias, flores secas, lenços preciosamente conservados, cabelos, objectos, *bibelots*, miniaturas da Torre Eiffel e da Praça de São Marcos. Por todo o lado sobre os móveis, pendurados nas paredes, a fotografia e o postal reinam sobre uma corte de objectos ridículos [...] combatentes do tempo disputando ao esquecimento e à morte os seus lampejos de presença viva. <sup>1</sup>

### ***Origem dos álbuns de fotografia familiar***

Apesar de não ser necessário reforçar novamente toda a história da criação da fotografia, é importante apontar, para efeitos do presente relatório e projeto, a evolução desta até começar a ser usada mais universalmente como arquivo familiar.

A câmara fotográfica moderna, evoluiu a partir da *camera obscura*, ilustrada pela primeira vez em 1545 por Gemma Frisius no livro *De Radio Astronomica et Geometrica*, onde foi usado para estudar um eclipse solar sem danificar os olhos. Além disso, a *camera obscura* foi também usada como dispositivo de recalque nas áreas da pintura e do desenho.

Durante o final do século dezoito e início do século dezanove, com a melhoria das lentes usadas na *camera obscura*, esta começou a ser utilizada por fotógrafos, mas apenas era possível focar e refletir a luz. Daqui originou a procura de uma forma de fixar permanentemente a imagem depois desta ter sido criada.

---

<sup>1</sup> Morin, E. (1956) - *Le Cinéma ou l'homme imaginaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, p.30

É aqui que passa a ser importante referir Nicéphore Niépce, que entre 1816 e 1818 começou a realizar experiências autónomas de modo a encontrar uma técnica de fixação de imagens. Nas suas primeiras tentativas, Niépce colocou folhas de papel revestidas por sais de prata, que escurecem através do contacto com a luz solar, na parte de trás de uma *camera obscura*. Em maio de 1816, criou a primeira imagem natural em negativo, mas esta tornou-se completamente negra após remover do aparelho, uma vez que continuava sensível à luz. Este tipos de imagens passaram a ser conhecidas como *retinas*.

Após inúmeras experiências falhadas, Niépce acabou por inventar um método chamado *heliografia*, que teve como base não só as experiências já referidas de fixar imagens, mas também processos já existentes usados maioritariamente em gravura. Usando esta técnica, foi criada a primeira fotografia chamada *View from the Window at Le Gras*.



View from the Window at Le Gras, Nicéphore Niépce, 1827, França

Com a heliografia surgiram diversos problemas, como por exemplo, o tempo de exposição necessário para as imagens. Apesar disto, Niépce procurou apresentar os seus heliógrafos para a *Royal Society of London* de modo a avançar com a sua comercialização, mas este esforço foi em vão. Em 1829, continuando a sua pesquisa para melhorar a sua invenção, juntou-se a Jacques-

Mandé Daguerre, um homem que demonstrou imenso interesse em melhorar o processo de heliografia desde o seu início.

Após a morte súbita de Nicéphore Niépce em 1833, Daguerre continuou a aperfeiçoar esse processo fotográfico até ser oficialmente reconhecido em agosto de 1839 como *Daguerreótipo*<sup>2</sup>. Este processo cria imagens altamente detalhadas e únicas, sendo diretamente reveladas em positivos, sem produzir um negativo.

O tempo de exposição de um daguerreótipo era inicialmente por volta de três a quinze minutos, mas após algumas alterações, era possível fazer um retrato em apenas um minuto. Após a comercialização dos daguerreótipos pela Europa e Estados Unidos da América, este rápido processo fotográfico apelou a famílias que procuravam métodos para obterem retratos em conjunto, sem passar pelo desconforto de estar sentado por vinte minutos ou muitas vezes mais, debaixo da luz do sol necessária para fotografar.

Apesar de todo o sucesso dos daguerreótipos, estes entraram em desuso quando Louis Désiré Blanquart-Evrard apresenta um novo processo fotográfico chamado *Albumen Prints*<sup>3</sup>. Este método foi rapidamente implementado devido ao seu baixo custo de produção, apelando a uma maior parte dos consumidores que procuravam retratos mais económicos. Este processo tornou-se dominante entre 1855 e o início do século vinte, sendo implementado os *carte de visite* a meio do século dezanove. Isto foi a primeira tentativa de produção em massa de imagens populares, criando inicialmente uma obsessão comum por colecionar *cartes de visite* de pessoas famosas da época, devido à fácil criação de vários *prints* com base em um único negativo.

---

<sup>2</sup> Resumidamente, para criar um daguerreótipo, é usado uma folha de cobre revestida por uma camada fina de prata, polida e limpa até ter um acabamento espelhado. É sensibilizada numa caixa à prova de luz, com vapores de iodo e bromo até a superfície ficar amarelada. Isto forma uma camada de iodeto de prata, sensível à luz. Depois, a placa tem de ser mantida num recipiente à prova de luz e transferida para uma câmara apenas no momento da exposição. O processo de revelação consiste em colocar a placa exposta virada para baixo, sobre vapores de mercúrio aquecidos até surgir uma imagem. Esta é fixada utilizando uma solução de cloreto de sódio, mais futuramente substituído por tiosulfato de sódio.

<sup>3</sup> Estes são produzidos em papel, usando uma camada de clara de ovo, de modo a tornar a superfície brilhante e uniforme. Depois é coberto com uma solução de nitrato de prata, que cria sais de prata sensíveis à luz. Quando um negativo de vidro é colocado diretamente sobre o papel e exposto a uma fonte de luz, cria-se uma imagem na superfície.

Podemos concluir que foi após o fácil acesso de *albumens* que começou a ser popularizado o conceito de Álbuns. Os primeiros álbuns criados não eram ainda de conotação familiar, eram apenas volumes de livros preenchidos com imagens de realeza, celebridades e até políticos. Foi através da família da Rainha Vitória que os álbuns passaram a ser objetos mais familiares e íntimos. Apesar de ela ser retratada como símbolo da domesticidade, os seus retratos publicados oficialmente por parte da Família Real eram predominantemente formais. Quando o fotógrafo Roger Fenton foi convidado a retratar os filhos da Rainha, as imagens resultantes foram mais informais mas acabaram por ser consideradas pouco dignas e nunca foram publicadas. No entanto, uma imagem mais descontraída da Princesa Alexandra com a filha Louise às “*cavalitas*” tornou-se num dos *carte de visite* mais vendidos da época. Após isto, os membros femininos da Família Real abraçaram a fotografia, com a Rainha Vitória e mais tarde a Rainha Alexandra a criarem extensos álbuns com cenas de piqueniques em família.

### ***A fotografia e a memória***

A memória é um processo constante de retenção de informação ao longo do tempo o que a torna essencial na maneira como compreendemos e nos relacionamos com o presente, sendo também a base para a cognição humana, uma vez que nos permite recorrer a acontecimentos do passado para ter uma melhor compreensão, comportamento e reação sobre acontecimentos presentes. De uma forma mais sucinta e de acordo com a Derek BOK Center for Teaching and Learning, o processo de como a memória funciona pode ser dividida em três fases<sup>4</sup>:

Codificação - Referente à forma como a informação é recolhida. Como esta é absorvida, compreendida e transformada de modo a facilitar o seu armazenamento;

Armazenamento - Referente a como, onde, quanto e por quanto tempo a informação codificada é guardada no sistema da memória;

---

<sup>4</sup> Para mais informações, consultar <https://bokcenter.harvard.edu/how-memory-works>

Recuperação - Processo pelo qual nós acedemos à informação armazenada.

De maneira a introduzir uma relação direta entre a memória e a fotografia, é de mencionar este excerto de Sigmund Freud:

*With every tool man [sic] is perfecting his own organs, whether motor or sensory, or is removing the limits to their functioning. Motor power places gigantic forces at his disposal, which, like his muscles, he can employ in any direction; thanks to ships and aircraft neither water nor air can hinder his movements; by means of spectacles he corrects defects in the lens of his own eye; by means of the telescope he sees into the far distance and by means of the microscope he overcomes the limits of visibility set by the structure of his retina. In the photographic camera he has created an instrument which retains the fleeting visual impressions, just as a gramophone disc retains the equally fleeting auditory ones; both are at bottom materializations of the power he possessed of recollection, his memory.*<sup>5</sup>

Freud associa a invenção da fotografia mais à memória do que à visão. De facto, a memória desempenha um papel significativo em várias áreas da fotografia. Uma imagem de uma paisagem pode evocar recordações de uma visita passada, ou um retrato pode representar memórias de alguém já não presente. A memória serve como um meio para preservar experiências em vez de as perder, assemelhando-se à fotografia.

Com o surgir da era digital, foi posto em causa se a fotografia realmente ajudava diretamente na formação de memórias, uma vez que o tempo e o esforço mental de tirar uma fotografia poderia retirar a atenção do próprio acontecimento, especialmente se feito em excesso. De acordo com o artigo publicado na *science.org* chamado *Google Effects on Memory: Cognitive Consequences of*

---

<sup>5</sup> *Com todas as ferramentas o homem vai aperfeiçoando os seus próprios órgãos, sejam motores ou sensoriais, ou remove os limites das suas funções. O poder motor põe forças gigantescas ao seu dispor; do qual, semelhante aos seus músculos, ele pode usar em qualquer direção; graças a navios e aeronaves nem a água nem o ar conseguem inibir os seus movimentos; através de óculos ele corrige defeitos na lente do seu próprio olho; através do telescópio ele vê a uma longa distância e através do microscópio ele ultrapassa os limites da visão estabelecidos pela estrutura da sua retina. Na câmara fotográfica ele criou um instrumento que retém impressões visuais fugazes, como um disco de um gramofone retém as igualmente fugazes impressões auditivas; ambos são no fundo materializações do poder que ele possuía de recordação, a sua memória.*

Freud, Sigmund, 1930, p 279, 'Civilization and its Discontents', *Civilization, Society and Religion*, Pelican Freud, Volume 12 (Harmondsworth: Penguin, 1989),.

*Having Information at Our Fingertips*<sup>6</sup> este processo pode ser chamado de Descarga Cognitiva, quando o nosso cérebro não sente necessidade de guardar qualquer tipo de informação por confiança a dispositivos eletrônicos.<sup>7</sup> Por outro lado, a fotografia ainda auxilia na retenção de memórias, como um parente falecido ou no caso dos meus avós, as suas terras onde nasceram que já não visitavam há anos, apesar destes estarem visivelmente diferentes, as memórias continuarão iguais. Esta discussão nunca terá uma conclusão concreta uma vez que irá sempre ser necessário retirar a atenção de certos aspetos para relembrar e realçar outros, mas é inegável que a fotografia e a memória estarão sempre relacionadas.

### ***Nostalgia***

Ao relacionar a memória com a fotografia, é essencial também referir o conceito de nostalgia. De acordo com o Merriam-Webster Dictionary, nostalgia é “um desejo melancólico ou excessivamente sentimental de regressar a um período passado ou a uma condição irrecuperável”. É comum sentir nostalgia quando olhamos para experiências positivas do passado que tenham um contraste com o presente, causando uma sensação agridoce. Ou seja, uma mistura de emoções positivas e negativas.

A nostalgia, sucintamente, realiza-se pela estimulação dos recetores de dopamina do cérebro, localizados por exemplo, no hipocampo. Isto explica como esta é normalmente caracterizada como sendo um sentimento positivo e satisfatório, mesmo que em muitos dos casos a memória que foi recordada tenha maioritariamente conotações negativas, como foi o caso de alguns dos relatos dos meus avós.

Após conversa com eles para contarem novamente em mais detalhe as suas histórias, a nostalgia estava presente na maneira como eles dialogavam. Não só por estarem a relembrar aquele tempo e aquelas aventuras, mas agora também porque foram capazes de ver as imagens finais e refletir sobre como o tempo afetou as suas cidades. Novamente um sentimento agridoce, houve alegria por conseguirem voltar a ver as casas e campos tão sentimentais e próximos a eles, mas houve também uma conotação de tristeza ao verem que algumas casas estão decadentes ou que os campos não

---

<sup>6</sup> *Efeitos do Google na memória: Consequências Cognitivas de Ter Informações ao Nosso Alcance*

estão como se lembravam. Este tipo de sentimentos aparentemente opostos são chamados Nostalgia Reformativa ou Nostalgia Reflexiva. A primeira, refere-se à sensação mais “negativa” relacionada com a nostalgia, onde há uma vontade de voltar às memórias lembradas, com uma tristeza e falta de esperança pelo presente e pelo futuro. No caso dos meus avós, apesar da vida deles ser bastante melhor do que era antigamente, as imagens das suas terras trouxe uma vontade de voltar às suas idades jovens onde tudo era mais simples naqueles campos. A Nostalgia Reflexiva associa-se ao lado “positivo”, lembrando e romantizando o passado, mas invés de o tentar recriar, apenas se saboreia e aprecia os sentimentos que este nos invoca. O meu avô principalmente ao ver as imagens do seu jazigo, lembrou o esforço que foi necessário mas ao mesmo tempo mostrou orgulho no que fez pela sua família.

## Contexto Artístico

*Cada família constrói, através da fotografia, uma crónica de si mesma, uma série portátil de imagens que testemunha a sua coesão. Sejam quais forem as atividades fotografadas, o que importa é que as fotografias sejam tiradas e conservadas com carinho. A fotografia torna-se um rito familiar precisamente no momento em que, nos países industrializados da Europa e da América, a própria instituição familiar começa a sofrer uma transformação radical. À medida que o núcleo familiar, unidade claustrofobia, se afastava de um agregado familiar, muito mais vasto, a fotografia surgia para recordar e restabelecer simbolicamente a precária continuidade e o progressivo desaparecimento da vida familiar. As fotografias são marcas fantasmáticas que permitem a presença simbólica dos parentes dispersos. Um álbum de família refere-se geralmente à família no seu sentido mais amplo e, com frequência, é tudo o que dela resta.*<sup>8</sup>

### **Motivação e objetivo do Projeto**

Este projeto foi feito como uma homenagem aos meus avós. Com o passar dos anos e o inevitável declínio de saúde deles, decidi fazer uma série de imagens retratando as cidades onde nasceram e sítios emblemáticos onde eles viveram. Estes lugares tinham, para mim, um estranho sentido de familiaridade e nostalgia apesar de só os ter visitado em criança. Isto deve-se aos imensos relatos em detalhe dos meus avós, sobre como foi crescer e viver lá, ao ponto que já sentia que as memórias eram parte de mim também. Isto tornou-se também um ponto de interesse para este projeto, explorar a raiz de como as memórias são formadas e o papel que a fotografia tem na criação e preservação das mesmas. Analisar também de que forma as memórias conseguem ser transmitidas apenas através de histórias e conversas, e como o grau de parentesco e/ou carinho por alguém também afetarão essa ligação.

---

<sup>8</sup> Sontag, S. (2012) - *Ensaio sobre Fotografia*. Lisboa: Quetzal, p.17

Infelizmente, não há vastos recursos sobre a questão de transmissão de memórias através de histórias e conversas, algo que vejo como crucial abordar neste relatório. Porém, aproveitei este impasse para explorar diferentes possibilidades de explorar este tema visualmente, inserindo o tema dos álbuns de fotografias.

Apesar de tudo, o maior objetivo deste projeto é poder mostrar aos meus avós a evolução das suas cidades e como os sítios de que tanto falam estão atualmente, uma vez que eles já não têm saúde para as visitar e usar essa motivação para refletir sobre o conceito de nostalgia e como a fotografia auxilia na formação de memórias.

### *Avô Domingos e Avó Lina*



Eu e os meus avós, sem data

O meu Avô Domingos nasceu a 25 de janeiro de 1936 na atual freguesia de Novais, antigamente conhecida por S. Simão de Novais, pertencente a Vila Nova de Famalicão. Faz parte de 11 irmãos e devido a dificuldades financeiras dentro da família, foi obrigado a começar a trabalhar com apenas 15 anos numa fábrica têxtil. Ele fazia um turno noturno, de modo a tentar fugir de autoridades que estivessem a vigiar aquele local de trabalho, pois era ilegal ter um trabalho tão fisicamente exigente a uma idade tão jovem.

Com 17 anos, mudou-se para o Brasil em busca de uma melhor qualidade de vida, havendo essa possibilidade porque o seu pai já morava lá, no Rio de Janeiro. Quando contou aos patrões da fábrica a sua decisão de ir para o Brasil, eles tentaram fazer todos os possíveis para impedir que isso acontecesse, oferecendo até mais dinheiro pelo seu esforço devido a ele ser um trabalhador muito produtivo. A oferta foi recusada, uma vez que o meu avô já tinha todas as suas intenções e decisões planeadas. Após chegada no Brasil, fez alguns pequenos trabalhos como entregador de pão, voltou a ser trabalhador numa fábrica até escolher ser motorista de autocarros. Durante esse emprego, foi onde viu a minha avó pela primeira vez, e onde se conheceram, uma vez que ela usava transportes públicos para chegar ao seu local de trabalho.

A minha Avó Lina nasceu na Quinta de Cerdeiró, pertencente a Mões, dentro do município de Castro D'Aire, Viseu, a dia 12 de agosto de 1944. Tem apenas 2 irmãs, sendo ela a mais velha. Aos 3 anos mudou-se para uma casa comprada pelos seus pais, rodeada por outras casas com mais familiares.

Mudou-se também para o Brasil com 16 anos, juntamente com os seus pais e as suas irmãs. O seu pai reparava relógios em Portugal, e quando chegaram ao Brasil começou a montar uma Joalheria (fundada em 1961) onde também passou a comercializar jóias além dos relógios, oferecendo também os serviços de relojoaria. Com isto, a minha avó passou a trabalhar lá para ajudar o pai, e assim fizeram também as irmãs mais novas quando chegaram à idade apropriada. Foram nas viagens de autocarro entre casa e o trabalho que passou a conhecer o meu avô, após ele também a ter abordado.

### ***Execução do Projeto***

Familiaridade e intimidade sempre foram conceitos chave para a realização deste projeto. Desde o processo de tirar as próprias fotografias, como a revelação e digitalização das mesmas. Para isto, dirigi-me às cidades, Carreira e Mões, com a minha irmã, uma vez que ambas partilhamos o mesmo

carinho pelos nossos avós, dando-lhes o devido valor e importância. Além disso, partilhamos um pânico constante de como a vida será quando eles falecerem. Isto fez com que o processo de tirar as imagens fosse bastante emocional porque a partir de uma certa altura, aqueles lugares e aquelas memórias que nos foram transmitidas irão apenas simbolizar outras memórias que criamos dos nossos avós.

O processo analógico foi desde cedo o elemento focal deste projeto, em homenagem aos inúmeros álbuns de fotografias guardados na casa dos meus avós. Além disso, realizar o processo de revelação e digitalização autonomamente, ajudou na criação de uma relação ainda mais íntima e próxima com as imagens e um maior sentido de carinho por elas.

## **Localidades Fotografadas**

### ***Carreira***

A primeira cidade a ser fotografada foi Carreira, localizada em Vila Nova de Famalicão, onde o meu avô Domingos nasceu. Desde nova que ouvia histórias de como foi crescer e viver naquela cidade, contando tudo em extremo detalhe. Para efeitos deste projeto, foi decidido fotografar lugares mais simbólicos e sentimentais, tanto para mim através de histórias mais marcantes que me foram contadas, mas também para o meu avô. Lugares referidos em tantas histórias que era desde sempre evidente o valor emocional que elas tinham.

### ***Armazéns***

O principal objetivo destes armazéns (Figuras 1; 11; 12) seria arrendá-los, usando-os como um investimento ou uma segurança financeira, uma vez que agora havia possibilidades para tal devido aos anos de trabalho no Brasil.

O terreno inicialmente foi comprado pelo meu avô, sendo na altura usado para agricultura. Era um espaço perto da estrada e o mapa de venda do terreno incluía também uma casa extremamente antiga ao ponto de já não ser habitável. Por causa disto, ao fazer o contrato de compra do terreno, foi oferecido uma licença imediata para construção. As plantas para os armazéns foram totalmente feitos à mão pelo meu avô e depois transferidos para um engenheiro, onde foi dividido em duas fases de construção.

O ano de finalização da primeira fase estava exposta numa pequena placa semelhante ao da Figura 1, mas este estava ilegível.

Após a segunda fase de construção, foi então colocada a placa (Figura 1), junto com as iniciais do meu avô.

Na parte lateral destes blocos de armazéns, manteve-se parte do campo original, hoje em dia mais semelhante a um simples jardim (Figuras 13; 14). Quando a minha irmã tinha por volta dos 5 anos, ou seja, em 1998, juntamente com o meu avô, plantaram uma pequena oliveira nesse mesmo

jardim. Infelizmente essa árvore acabou por ser retirada após bastantes anos. É de importância apontar também que o jardim descrito anteriormente era muito frequentemente usado como local de convívio da família, como por exemplo para festas de aniversário, churrascos, pequenas reuniões familiares, entre outros eventos.

### ***Casa de família***

Esta casa foi originalmente construída pelo meu tetravô, de nome António Martins, cujas iniciais são visíveis na Figura 25. É localizada em S. Simão de Novais, lugar onde o meu avô nasceu, como já mencionado previamente. A sua estrutura está atualmente praticamente em ruínas, sendo apenas reconhecível o seu tom de vermelho enigmático, as iniciais do meu tetravô e o ano onde a obra da casa deu-se por concluída. Na lateral esquerda da fachada (Figuras 22 e 23) havia acesso a um pequeno comércio criado pelos donos da casa, e do lado direito (Figura 27) havia um anexo que era usado para armazenar mercadoria vendida na loja. O meu avô não conseguiu se lembrar do que era vendido naquele comércio.

### ***Casa da Irmã***

Maria dos Anjos é a irmã mais nova do meu avô, e a última irmã mulher ainda viva. Devido a isto, todos os irmãos têm um carinho ainda maior por ela. O meu avô não é exceção.

Ela é a única irmã que ainda mora na Carreira, por isso a casa dela acaba por ser ponto de encontro sempre que a família visita. Apesar de ter ido à Carreira poucas vezes e de ser bastante jovem, a casa dela (Figuras 8 - 10; 15 - 21) é das memórias mais claras que tenho. Foi importante também mostrar esta casa não só porque tudo nela lembra-me o meu avô, mas também para apresentar para efeitos deste projeto que aquela cidade é realmente muito isolada e maioritariamente rural.

### *Cemitério*

O jazigo das Figuras 2 e 5 é onde já estão alguns irmãos do meu avô e os seus pais. A lápide original foi criada após o falecimento da minha bisavó, onde foi decidido manter a família toda unida. Mais tarde e após o falecimento do meu bisavô, o meu Avô Domingos tomou a decisão de renovar o jazigo completo da família, de modo a que os próximos irmãos a falecer tivessem um lugar de descanso mais ornamentado, moderno e de devido valor. Esta pequena obra não foi realizada mais cedo pois não havia fundos financeiros para tal, por parte da família que decidiu ficar em Portugal.

### *Mões*

Mões é localizada em Castro D'Aire, dentro de Viseu, local onde a minha avó Lina nasceu. As suas histórias nunca foram tão intensamente repetidas como as do meu avô, focando-se mais nas pessoas e não tanto nos lugares físicos. Ainda assim, foi importante para mim retratar pelo menos a casa de infância dela, onde há muitos relatos da sua vida em criança, e a quinta onde ela nasceu. Esta apesar de não ter tantas histórias devido à idade jovem da minha avó, foi de extrema importância fotografar na mesma, uma vez que foi o sítio onde toda a história dela começou.

### *Casa de infância*

Atualmente já não existe, com o passar do tempo e o desuso, acabou por colapsar. A meu ver, isto não impediu de fotografar o local, pois para mim continua a ter o mesmo valor sentimental.

Localiza-se diretamente ao lado da casa de uma tia, a tia Berta, sendo o terreno agora usado como pequeno jardim (Figuras 28 - 33; 36; 41; 43), onde são plantados vegetais como tomates e couves, ou flores como os girassóis. A casa da minha tia também acabou por ser fotografada pois a minha avó frequentou bastante aquela casa uma vez que eram familiares que viviam na porta ao lado e a tia tem uma idade próxima à minha avó, então acabavam por brincar juntar quando jovens.

### *Quinta de Cerdeiró*

Como evidente nas imagens relativas a esta quinta (Figuras 3; 4; 34; 35; 37 - 40; 42), já pouco resta dela. Antigamente era composta por um pequeno campo e uma casa de pedra, onde a minha avó nasceu, mas desde então que a casa desabou, ficou em ruínas, até já não existir mais. Posto isto, e seguindo o mesmo raciocínio da casa onde a minha avó cresceu, foi importante para mim fotografar este local independentemente de serem apenas campos atualmente, pois para mim, estes agora serão uma representação da minha avó.

## ***Cronograma***

	<i>Datas</i>	<i>Tarefas</i>
Julho	7/07	Visita à Carreira.
Agosto	15/08	Sessão de revelação dos rolos fotografados na Carreira.
Setembro	1/09	Visita a Mões.
	3/09	Revelação dos rolos fotografados em Mões, seguido de scan, edição e seleção de todas as imagens.
	12-14/09	Panorama 2024

## ***Exibição do Projeto no Panorama 2024***



Exposição Panorama #24, Escola das Artes, 2024

O meu objetivo era expor as imagens num contexto intimista para estas transmitirem uma sensação de familiaridade semelhante à que eu sinto por elas. Devido a isto, foi tomada a decisão destas serem impressas em tamanho 26cm x 17cm, inserindo-se numa folha a4. Foram postas numa K-Line para estabilidade e suporte, usando pioneses dourados.

A organização na parede foi inspirada pelas exposições da Sophie Calle, onde se alinhou a margem inferior das imagens na fila de cima, e na fila de baixo foram alinhadas com base na

margem superior. Isto acabou por ser o método de exposição mais adequado devido à variedade de imagens na horizontal e na vertical.

A falta de luz artificial foi propositada, obrigando os espectadores a aproximarem-se fisicamente de cada uma das imagens, aumentando o tempo de análise de cada uma e também obrigando-os em certa forma a criar uma pequena relação com elas.

### ***Conclusão e Reflexão Crítica***

A minha família coleciona álbuns de imagens desde a altura dos meus bisavós, e é tradição folheá-los em todas as festividades especialmente para reviver a vida dos meus avós. Recentemente, com o declínio da demência do meu avô, as horas a rever os álbuns servem como treino da sua memória, para ver se ele consegue recontar as histórias como antigamente. Alguns detalhes já foram esquecidos mas ao ver as imagens ele relembra-se e volta a sentir a alegria das memórias passadas naqueles lugares e a nostalgia. Este mesmo exercício foi feito com as imagens deste projeto, o que para mim só tornou ainda mais evidente a relação entre a memória e a fotografia. Apesar das fotos serem modernizadas e nem tudo estar como estava no tempo dele, todos os locais foram reconhecidos e as memórias revividas, algo que sem estas imagens não seria possível devido à demência do meu avô.

Com a conclusão deste relatório e simultaneamente deste projeto, há uma sensação de alívio. Encerra-se aqui o meu percurso académico, o ponto culminante de todo o esforço e dedicação ao longo de 5 anos. Além disso, acaba a sensação de urgência que acompanhou a realização deste projeto, devido ao declínio de saúde do meu avô, algo mencionado frequentemente neste relatório. Uma urgência de ainda lhe poder mostrar estas imagens e este projeto não só enquanto ele está vivo, mas também enquanto ele ainda tem grande parte do seu consciente. Apesar do orgulho e prazer que me trouxe este projeto, após a sua conclusão sinto a necessidade de um distanciamento da intensidade deste tema. É obvio pensar que um dia os meus avós já não cá estarão, mas estar

constantemente rodeada por este pensamento de morte durante tanto tempo realmente chega a afetar emocionalmente. Agora procuro apenas passar tempo de qualidade com eles, aproveitando cada momento sem o pânico constante.

*Imagens do Projeto Final*



Figura 1, Carreira



Figura 2, Carreira



Figura 3, Mões



Figura 4, Mões



Figura 5, Carreira



Figura 6, Mões



Figura 7, Mões



Figura 8, Carreira



Figura 9, Carreira



Figura 10, Carreira



Figura 11, Carreira



Figura 12, Carreira



Figura 13, Carreira



Figura 14, Carreira



Figura 15, Carreira



Figura 16, Carreira



Figura 17, Carreira



Figura 18, Carreira



Figura 19, Carreira



Figura 20, Carreira



Figura 21, Carreira



Figura 22, Carreira



Figura 23, Carreira



Figura 24, Carreira



Figura 25, Carreira



Figura 26, Carreira



Figura 27, Carreira



Figura 28, Mões



Figura 29, Mões



Figura 30, Mões



Figura 31, Mões



Figura 32, Mões



Figura 33, Mões



Figura 34, Mões



Figura 35, Mões



Figura 36, Mões



Figura 37, Mões



Figura 38, Mões



Figura 39, Mões



Figura 40, Mões



Figura 41, Mões



Figura 42, Mões



Figura 43, Mões

## ***Bibliografia***

Barthes, R. (1980) – *A Câmara Clara* – Notas sobre a Fotografia. Lisboa: Edições 70

Bate, D. (2009) - *Photography: The Key Concepts*. Nova Iorque. Berg.

Boym, S. (2007) - *Nostalgia and Its Discontents*. In

<https://hedgehogreview.com/issues/the-uses-of-the-past/articles/nostalgia-and-its-discontents>

Freud, S. (1930), *Civilization and its Discontents, Civilization, Society and Religion*. p 279.

Google Arts and Culture - *Heliography: A Double Invention That Revolutionised The World Of*

*Images*. In

<https://artsandculture.google.com/story/heliography-a-double-invention-that-revolutionized-the-world-of-images-musée-nicéphore-niépce/RgUhqRl7dnB3KQ?hl=en>

Harvard University - *Harvard's History of Photography Timeline*. In

<https://projects.iq.harvard.edu/photographpreservationprogram/harvards-history-photography-timeline-text-only>

Harvard University. The Derek Bok Center for Teaching and Learning - *How Memory Works*. In

<https://bokcenter.harvard.edu/how-memory-works>

Kalia, S. (2022) - *How Photographs Influence Our Memories*. In

<https://www.theswaddle.com/how-photographs-influence-our-memories>

McDonald, H. (2016) - *The Two Faces of Nostalgia*. In

<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/time-travelling-apollo/201606/the-two-faces-nostalgia>

Merriam-Webster Dictionary - *Nostalgia*. In

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/nostalgia>

Moawad, H. (2016) - *The Brain and Nostalgia*. Neurology Live. In

<https://www.neurologylive.com/view/brain-and-nostalgia>

Morin, E. (1956) – *Le Cinéma ou l'homme imaginaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, p. 30

Nicéphore Niépce's House Museum - *Niépce and the Invention of Photography*. In

<https://photo-museum.org/niepce-invention-photography/>

Psychology Today - *Personal Memories and Nostalgia*. In

<https://www.psychologytoday.com/us/basics/memory/personal-memories-and-nostalgia>

Sontag, S. (2012) - *Ensaio sobre Fotografia*. Lisboa: Quetzal, p. 17

Tate - *Albumen Print*. In

<https://www.tate.org.uk/art/art-terms/a/albumen-print>

The University of Queensland. Queensland Brain Institute - *Where are memories stored in the brain?* In

<https://qbi.uq.edu.au/memory/where-are-memories-stored>

Wells, L. (2015) - *Photography: A Critical Introduction*. (Edição 15). Nova Iorque. Routledge

